



POR UMA EDUCAÇÃO/EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO-FASCISTA

Dr. Marcos Antonio Carneiro da Silva
Deborah dos Santos Caetano
Ana Lorena Feitosa dos Santos
Andre Costa e Silva

RESUMO

Por uma educação/educação física não-fascista parte de uma perspectiva de análise foucaultiana, visando compreender como o pensamento do filósofo pode contribuir para a construção de possíveis modos libertários de vida no contexto da educação/educação física. Se, num primeiro momento, Michel Foucault analisou a formação dos cidadãos nas sociedades modernas sendo conduzidas pelo ensino da obediência, da subserviência e da docilidade dos corpos (sociedade disciplinar) e, posteriormente, pela sociedade de controle, caracterizada pela administração da biopolítica e da governamentalidade, cabe-nos investigar como tais procedimentos se inserem num contexto escolar (enquanto técnica disciplinar). O texto buscará refletir sobre os conceitos de biopolítica e governamentalidade, caracterizando o que Foucault denominou de atitudes fascistas, como seriam as manifestações do fascismo contemporâneo, numa relação com os processos totalitários do corpo e suas implicações na escola. Além dessas perspectivas, o texto visará traçar possibilidades atitudes não-fascistas, ou formas de anulação de atitudes fascistas, compreendendo desde as mais sutis até as mais invasivas, que nos mantém cativos e submissos aos ditames do controle, invalidando os modos mais criativos do pensamento e de vida no interior da escola.

Palavras-chave: biopolítica; governamentalidade; educação/educação física.

ABSTRACT

For an education / physical education, non-fascist part of a Foucauldian analysis perspective, trying to understand how the philosopher's thought can contribute to the construction of possible ways of libertarian life in the context of education / physical education. If at first Michel Foucault analyzed the training of citizens in modern societies being conducted by the teaching of obedience, subservience and docility of the body (disciplinary society) and later by the controlling society, characterized by the administration of biopolitics and governmentality, it is up to us to investigate how such procedures are part of a school context (as technical discipline). The text will seek to reflect on the concepts of governmentality and biopolitics, characterizing what Foucault called fascist attitudes, as are the



contemporary manifestations of fascism, a totalitarian relationship with the processes of the body and its implications for the school. Beyond these perspectives, the text will seek to draw non-fascist attitudes possibilities, or ways of eliminating fascist attitudes, including from the most subtle to the more invasive that holds us captive and submissive to the dictates of control, invalidating the more creative ways of thinking and life inside the school.

Keywords: biopolitics; governmentality; education / physical education.

RESUMEN

Para una educación/educación física no-fascista, parte de un análisis prospectivo de Foucault, para entender cómo el pensamiento del filósofo puede contribuir a la construcción de los posibles modos de vida de los libertarios en el contexto de la educación y la educación física. Si, al principio, Michel Foucault analiza la formación de los ciudadanos en las sociedades modernas están llevando a cabo por la enseñanza de la obediencia, la sumisión y la docilidad del cuerpo (la sociedad disciplinaria) y, posteriormente, la sociedad de control, que se caracteriza por la administración de la biopolítica y gubernamentalidad, debemos investigar cómo estos procedimientos forman parte de un contexto escolar (como una disciplina técnica). El texto tiene como objetivo reflexionar sobre los conceptos de gobernabilidad y de la biopolítica, la caracterización de lo que Foucault denomina la actitud fascista, como lo son las manifestaciones contemporáneas del fascismo, una relación totalitaria con los procesos del cuerpo y sus implicaciones para la escuela. Además de estas perspectivas, el texto se aprovechen las oportunidades para sacar actitudes no-fascista, o formas de cancelación de las actitudes fascistas, incluidos los de la más sutil a la más invasivas, que nos mantiene cautivos y sumisa a los dictados de control, invalidando las formas más creativas de pensar y la vida dentro de la escuela.

Palabras claves: biopolítica; gubernamentalidad; educación/educación física

INTRODUÇÃO

O presente texto insere-se numa série de artigos que tenho desenvolvido sobre a perspectiva analítica foucaultiana e a educação/educação física. O filósofo mais conhecido pelos estudos sobre o poder e sobre o sujeito dá espaço, neste texto, ao Michel Foucault da ética e da liberdade, investindo nas



formas mais desejantes e criativas da existência. O termo não-fascista é cunhado pelo filósofo no prefácio do livro de Gilles Deleuze e Félix Guatari, intitulado *Anti-Édipo: introdução a uma vida não-fascista* (1977). Foi também tema do V Colóquio Internacional Michel Foucault, em novembro de 2009, em que vários pensadores elaboraram teorizações sob esse enfoque, culminando na publicação do livro com mesmo título. Por uma educação/educação física não-fascista parte desse contexto inicial e busca referências de análise para tentar compreender como a perspectiva foucaultiana pode contribuir para a construção de possíveis modos libertários de vida no contexto da educação/educação física. Se, num primeiro momento, Michel Foucault analisou a formação dos cidadãos nas sociedades modernas sendo conduzidas pelo ensino da obediência, da subserviência e da docilidade dos corpos (sociedade disciplinar) e, posteriormente, pela sociedade de controle, caracterizada pela administração da biopolítica e da governamentalidade, cabe-nos investigar como tais procedimentos inserem-se num contexto escolar (enquanto técnica disciplinar). Para tanto, também convém lançar mão de um cuidado metodológico e ressaltar que tais análises sofrem distorções propositais, uma vez que Foucault não teve a intenção de investigar diretamente o sistema educacional, fazendo poucas referências a ele em toda sua obra. A apropriação do pensamento foucaultiano, dessa forma, é de inteira responsabilidade do autor e seus possíveis desdobramentos também. Nas análises foucaultianas podem-se perceber três grandes campos de investigação: as técnicas disciplinares, iniciadas no século XVII, que têm no corpo, sua regulação e seu adestramento; as técnicas normalizadoras, iniciadas no século XVIII e que têm como objetivo a constituição do comportamento adequado, as normas de conduta e padrões morais; e, por fim, o biopoder e a biopolítica, desenvolvidos no final do século XIX e na primeira metade do século XX, que têm como objetivo o controle das populações e subgrupos sociais. O texto procurará refletir sobre os conceitos de biopolítica e governamentalidade, caracterizando o que Foucault denominou de atitudes fascistas, como seriam as manifestações do fascismo contemporâneo, numa relação com os processos totalitários do corpo e suas implicações na escola.

BIOPOLÍTICA E AS NOVAS FORMAS DO FASCISMO CONTEMPORÂNEO

Foucault lança suas ideias sobre fascismo e uma perspectiva de vida não-fascista no prefácio do *Anti-Édipo*, em 1997 (edição americana), momento seguinte ao lançamento do primeiro volume da *História da Sexualidade* (1976) e dos cursos do Collège de France (*Em defesa da Sociedade* -1975-76 e *Segurança Território e População*-1977-78). Nesses momentos, Foucault começa a estruturar os conceitos de biopolítica e biopoder referindo-se, inicialmente, ao nazismo e ao stalinismo e as outras possíveis formas de fascismo contemporâneas. A forma como o fascismo e o nazismo são compreendidos pode causar um estranhamento ao pensamento foucaultiano de micropoderes, porém não é somente numa esfera de um regime totalitário e monolítico de poder que se pode pensar o fascismo. É possível compreendê-lo também como um modo de poder para além do exercício de um partido único e como uma forma de poder estendida a parcelas significativas da população. Essa mesma população obteve a oportunidade de exercício direto do poder em funções de repressão, de controle, de confisco e de



execução de indivíduos. Foucault interessou-se particularmente por essas formas pelas quais o poder foi exercido no interior da própria população. O anseio de poder pela população é que se tornou objeto de interesse, uma vez que, de acordo com Foucault, as relações de poder encontram-se talvez entre as coisas mais escondidas do corpo social. Um pouco mais tarde, no curso Nascimento da biopolítica (1978-79), Foucault centra suas análises na questão biopolítica das teorias neoliberais da Alemanha pós-Segunda Guerra (1948-1962) e no liberalismo americano da Escola de Chicago. Enquanto o liberalismo alemão, nos períodos pós-guerra e pós-nazista, concentra-se nas questões do controle e do governo nos campos da família, saúde, educação; o americano busca a racionalidade do mercado, estendendo-se aos campos da natalidade, família, delinquência, política penal etc. Os conceitos de biopolítica e biopoder surgem para explicitar uma nova concepção de governo, a partir do século XVIII e na virada do século XIX. Não são mais de corpos individualizados em análises anátomo-políticas do corpo (desenvolvidas em Vigiar e punir, 1993), de que trata Foucault, mas o que passou a denominar de biopolítica das populações (História da Sexualidade, vol. I, 1999b). A noção de biopolítica advém de uma análise histórica da racionalidade política, em que o nascimento do liberalismo está imbricado. O liberalismo de Foucault é compreendido como um exercício de governo, que não somente maximiza seus efeitos, reduzindo ao máximo seus custos, mas como um substituto da lógica anterior de que se governa de menos, pela nova lógica de que se governa demais. O Estado mantenedor do indivíduo modifica-se na direção do controle das populações a fim de assegurar-se da gestão mais apropriada da grande força de trabalho. A biopolítica seria a grande “medicina social”, que demarca a passagem do pensamento do filósofo político para um Foucault mais ligado aos aspectos éticos. Em outras palavras, a partir dos conceitos da biopolítica das populações passou-se às análises dos dispositivos de controle da vida social como normas da própria conduta da espécie, por exemplo: regradar, manipular, incentivar e observar taxas de natalidade e mortalidade, condições de saúde da população, fluxo de doenças, expectativa de vida etc. Nesse sentido, não é mais apenas o indivíduo dócil e útil que interessa, mas o cálculo e a gestão de todo o corpo social.

O que deve ser ressaltado, nesse momento, é a relação entre fascismo/vida e a reflexão necessária sobre as ações políticas, pois tais associações não seriam apenas resquícios de formas de governos autoritários do passado, mas também aspectos relevantes para pensarmos as nossas relações cotidianas, uma vez que para Foucault, o fascismo, em certa medida, ainda está em todos nós, acoisa nossos espíritos e nossas condutas, faz-nos amar o poder e desejar essa coisa que nos explora e domina (Ditos e escritos vol. III, 2006). Dessa forma, Foucault compreende que tais fenômenos de análise das populações e dos seus dispositivos de controle agora não seguem mais as noções da soberania e da disciplina, dando lugar à nova racionalidade de Estado, enquanto técnicas de exercício de poder e de governo (governamentalidade). A governamentalidade¹ são práticas de controle, vigilância e intervenção sobre as

¹ Foucault conceitua governamentalidade por um conjunto de instituições, procedimentos, análises e táticas que permitem exercer a forma específica e complexa de poder que tem como alvo a população (economia política, dispositivos de segurança)



populações, agora no âmbito do liberalismo político - liberalismo que é totalmente distinto dos pensamentos jurídicos e políticos dos séculos anteriores. Nos cursos Em defesa da sociedade (1975-76), Segurança, território e população (1977-78) e Nascimento da biopolítica (1978-79), Foucault buscou elaborar uma genealogia das práticas de governo que estruturam as relações sociais, políticas e econômicas, ou seja, o tripé estado-população-economia política em suas modalidades mercantilista, liberal e neoliberal. As relações de poder sofreram mutações e, a partir do século XVIII, com o surgimento do conceito da governamentalidade, sofreram também modificações através do pensamento liberal. Em suma, o liberalismo é compreendido como uma técnica de governo. De acordo com Foucault, a liberdade não é outra coisa, nessa perspectiva, que o correlato da atuação dos dispositivos de seguridade sobre a circulação das pessoas e das coisas. No curso Segurança Território e população (1977-78), o filósofo abordou as técnicas e práticas de governo do mercantilismo e do liberalismo clássico, enquanto, no curso Nascimento da biopolítica (1978-79), tratou de analisar as formas neoliberais do pós-guerra até os anos 70. Nesse curso, Foucault afirma que o liberalismo é anunciado pela lógica de que se governa sempre demais e há uma insistência da tese neoliberal de que, em nome da sociedade e do livre mercado, é que se colocam legitimamente às novas tecnologias de governo dos cidadãos. Baseada nas análises da Escola de Chicago e no princípio que tais conceitos também são estendidos para os domínios da vida social, é que a perspectiva foucaultiana é mais interessante para a incorporação neste estudo. O novo biopoder do pós-guerra não atuaria apenas na esfera do poder estatal, do controle da soberania, mas também no eixo do mercado como um instrumento interventor que regula, normatiza e governa a conduta da população. Para Foucault, o homem passou a ser compreendido como um *Homo economicus*, como um agente que responde aos estímulos do mercado e do livre mercado, ou seja, seria como uma instância máxima da verdade no mundo contemporâneo. É o mercado e não mais o antigo princípio jusnaturalista (do certo e errado, permitido não permitido) que dita as regras da vida social. A máxima agora é: precisa-se governar para o mercado e não mais governar por causa do mercado. O homem passa a ser um empreendedor de si mesmo e, desse modo, as capacidades profissionais precisam ser maximizadas para que os tornem competitivos na sociedade empresarial. O mercado da concorrência assume o controle dos indivíduos e da população, que já não depende mais da ação governamental do Estado.

Há uma produção de subjetividades descentralizada e bastante eficaz nos princípios do auto-empresendedorismo, tornando pessoas presas fáceis dos processos de individuação regrados pelo mercado. As formas empresariais são difundidas e disseminadas, assim como os conceitos do livre mercado. O modo contemporâneo da escola-empresa é não só aceito, mas também difundido e estimulado como um modelo a ser seguido de escola de *qualidade total*. Não existem mais alunos e sim clientes, as academias de ginástica (*fitness*) funcionam como centros de *marketing* pessoal e programas de televisão reforçam o

e que se pode chamar de governo sobre todos os outros. É uma espécie de contrato entre as tecnologias de dominação dos outros e as voltadas para a dominação do eu.



Big Brother dessa sociedade empresarial de concorrência. O objetivo de todos é apresentarem-se de maneira que suas habilidades (sejam elas dotes físicos ou não) sejam compatíveis com os anseios simbólicos da sociedade empresarial de concorrência, ou melhor, é necessário potencializar-se de forma que fique visível e atrativo ao mercado competitivo. O espaço que interessa é o da vitrine: molda-se o corpo; moldam-se as condutas, os desejos, os comportamentos de forma que tudo se adeque às exigências do mercado de consumo. Esse é o foco dos perigos do fascismo contemporâneo, ou seja, a infiltração, nos nossos comportamentos cotidianos, das determinações empresariais que padronizam comportamentos, sentimentos e condutas; ao mesmo tempo em que extinguem a produção das diferenças, a partir dos conceitos econômicos do sujeito empreendedor de si mesmo. Aniquilam-se, dessa forma, quaisquer possibilidades daqueles que não se submetem às regras do pensamento neoliberal empresarial, tornando-os desinteressantes, obsoletos e improdutivos. A propósito, a ideia da vida obsoleta e descartável também se enquadra nos ditames do mercado de concorrência, pois todas as relações perpassam por tais regras normatizadoras de conduta, e até os relacionamentos interpessoais mais íntimos são pautados pela situação do uso/desuso, da ação provisória e descartável.

PROCESSOS TOTALITÁRIOS DO CORPO NA EDUCAÇÃO/EDUCAÇÃO FÍSICA

O que está em jogo, na perspectiva deste estudo são o poder e o fascínio de controlar, domesticar, dominar os corpos - seja nos seus movimentos, seja nas suas formas e atitudes – e, por fim, dominar/controlar a expressão, a criação, o desejo e os prazeres do corpo, adequando-os às exigências do mercado. Carmen Lúcia Soares (2009) discorre sobre as pedagogias totalitárias do corpo que “encarnam em indivíduos e grupos normalizando e governando os desejos mais íntimos, as ações mais singelas” (p.63). Discutindo sobre as novas concepções de lazer ativo, saúde perfeita, bem-estar pleno entre outras expressões, a autora afirma que parece existir:

Uma dimensão que cresce vertiginosamente nessa expansão dos territórios do corpo, legitimada pela busca da saúde perfeita, configura-se no que aqui vamos denominar de *lazer ativos*, campo que abarca a prática de esportes, de exercícios físicos, e que não se furta na preposição de uma alimentação hipercontrolada e, preferencialmente, supervisionada por um/uma nutricionista. Parece não haver dúvida de que essa expansão se nutre de leituras de uma concepção de *corpo ativo*, de prática corporal na forma de exercício físico e esporte como positividade operante cuja consequência mais imediata é o *bem-estar pleno*. Em resumo, pode-se pensar na existência de um paradigma, talvez, totalitário, denominado *médico-esportivo* (SOARES, 2009, p. 64)

Tais concepções, segundo a autora, complementam-se numa lógica de gestão de vida, através de mensurações de *performances* corporais de indivíduos e populações destinados ao conceito de vida ativa, aliados às políticas públicas, como “lei seca”, anti-tabagismo etc. Há toda uma “cruzada” para induzir o desejo, estimular a modelagem padronizada do corpo, limpar as carnes de todo o vício, tornando o indivíduo um policial de si mesmo e do grupo do qual faz parte. Há um controle, dessa forma, não apenas do próprio corpo, mas do grupo, não permitindo ao outro tais “perversões”. Soares denomina de policiamento de si, do outro, da vida, e cita as comunidades, por exemplo: “vigilantes do peso, os



vigilantes do açúcar, os vigilantes do cigarro, os vigilantes dos bons costumes. Vigiar e punir!” (2009, p.65). Parece existir uma constante prevenção e controle de todos os males corporais a que estamos assujeitados, estamos vivenciando uma noção de perigo, ou mesmo um estado de pânico de tudo que concerne ao corpo. Há uma atualização constante dos perigos e dos males, através de estudos, pesquisas e dados estatísticos, sendo possível dizer que “as *populações* contemporâneas *desejam* o controle das funções e eficácias do corpo; quase não há mais imposição, e as prescrições, descrições dos supostos perigos, são cada vez mais aceitas para que se possa adiantar-se ao mal” (SOARES, 2009, p.67). Há um desaparecimento, nessa mesma linha de análise, do termo divertimento que é substituído, paulatinamente, pela palavra lazer (inclusive nos estudos sobre as práticas corporais) e pelo comércio do lazer, pela venda do *bem-estar*. Em suma, o divertimento desregulado, os prazeres corporais são formas proibidas, desestimuladas e, principalmente, perigosas, pois não interessam ao mundo empresarial neoliberal, retomando a perspectiva foucaultiana inicial.

No contexto educacional, também se pode perceber as mesmas manifestações, uma vez que a escola ocupa lugar privilegiado para o controle, entretanto, observa-se uma maior especificidade no tocante às formas e técnicas. É importante ressaltar as provocações de Foucault quando nos alerta e diz que, em vez de descobrirmos quem somos, devemos procurar a refutação daquilo que nos tornamos, ou melhor, daquilo que fizeram de nós e, dessa forma, a negação dos processos de subjetividade com os quais fomos constituídos. Dessa forma, a reflexão ética e política tem necessariamente que desconfiar de todos os projetos políticos voltados para o pretense bem-comum, inclusive os grandes projetos pedagógicos, pois vivemos agora (pela ilusão neoliberal) mais do que antes, no interior de uma combinação complexa de técnicas de individuação e processos totalizantes. Tais processos mascaram as relações de poder e, muitas vezes, são defendidas pelos próprios membros da sociedade que, voluntariamente, investem na defesa desses padrões de assujeitamento (formas de submissão e imposição de subjetividades). Na escola, percebemos que, muitas vezes, em nome de uma “disciplina”, de uma “ordem”, do cumprimento das “normas”, do bom funcionamento (seja do corpo ou não) e do bem-estar de todos, desde muito cedo, procuram controlar as bexigas das crianças bem pequenas, conter as expressões dos corpos, organizarem-se os movimentos na harmonia e disciplina dos músculos, conter as emoções para o melhor aproveitamento do tempo, disciplinar os corpos para a racionalização e aproveitamento dos espaços. Os termos acima são bem comuns da prática pedagógica da educação física. Porém, a produção de corpos dóceis já não é mais suficiente, é preciso forjar corpos para a sociedade empresarial de mercado e nada melhor do que pequenos corpos consumidores. Da especialização precoce do movimento à estimulação e preparação para o mercado, buscaram-se as mesmas habilidades, a mesma finalidade, qual seja: a preparação/adequação à sociedade de mercado. O divertimento (*lazer ativo*) desaparece não só dos espaços públicos, mas também das aulas de educação física em nome de um necessário controle da obesidade infantil e combate incessante as famosas síndromes metabólicas que assolam as estatísticas, promovendo um alarde na área educacional. Torna-se urgente e necessário o controle (dieta alimentar e gasto calórico) das nossas crianças que, cada vez mais, apresentam-se, nos dados estatísticos, como



sedentárias e com uma alimentação desregrada. Teorizações sobre as necessárias mudanças nas aulas de educação física e os novos moldes para a eficácia energética e combate a obesidade infantil rechearam documentos e artigos científicos da nossa área de forma acintosa e poucos foram aqueles que ousaram desafiar os especialistas (em fisiologia do exercício) para discutir e contrapor seus argumentos. Algo, por exemplo, como um questionamento bastante simples para quem atua na área educacional e ministra aulas de educação física há algum tempo: pois, se as crianças sedentárias, obesas ou com sobrepeso, não se interessam pelas aulas de educação física (com temáticas esportivas, com danças, jogos, lutas etc.), como seriam estimuladas a participar dessa “nova forma” (na verdade bem antiga) de aula tipo “malhação energética”? Não seria mais prudente inserir essas crianças num contexto mais aprazível, do que em aulas de ginástica? Será que essas crianças já não se sentem bastante discriminadas nas aulas de educação física e o mais prudente seria elaborar aulas e planejamentos com conteúdos mais inclusivos e plurais para que sejam mais atrativas do que o aprimoramento das valências e qualidades físicas em prol de um controle sobre seus gastos calóricos? Para uma sociedade de mercado, a resposta é não!

Retornamos, então, para a lógica de gestão/governamento de vida, através de mensurações de *performances* corporais de indivíduos e populações destinados ao conceito de *vida ativa, bem-estar* etc. O estímulo à modelagem padronizada do corpo (limpar as carnes e as gorduras excedentes) é prescrito, em nome de uma vida ativa ou de uma saúde perfeita, tornando o indivíduo um policial de si mesmo, controlando e vigiando também o grupo do qual faz parte, excluindo qualquer forma diferente de pensamento e ação. A vigilância e o controle garantem, dessa forma, o que Soares (2009) denominou de policiamento de si, do outro, da vida.

À GUIA DE CONCLUSÃO...

A perspectiva e a estrutura argumentativa deste texto procurou demonstrar como Foucault construiu seus conceitos e centrou suas investigações nas relações de poder e formas de governo de si e dos outros. Nessa linha de análise, o filósofo francês procurou demonstrar que houve um questionamento geral das formas de governar e de se governar a si próprio, no final da época feudal, surgindo novas formas de relações econômicas e sociais, estruturando, de maneira igualmente nova, as relações políticas. Surgiu uma nova governamentalidade que trocou as virtudes morais tradicionais (sabedoria, justiça, respeito a Deus etc.), por uma nova arte racional de governar. Tal gestão implicou uma biopolítica, não só uma gestão da população, mas um controle das estratégias que os indivíduos, na sua liberdade, em relação com eles mesmos e uns com relação aos outros. A biopolítica pode ser compreendida no governo não somente de indivíduos por meio de procedimentos disciplinares, mas no todo, na população, através de biopoderes locais, ocupando-se da gestão da saúde, da alimentação, da sexualidade, da natalidade e



compreendendo também o governo da educação, das relações familiares, das instituições, implicando a governamentalidade dos outros no governo de si. No texto, tentamos aproximar tais conceitos ao contexto escolar e traçar algumas implicações com a área da educação/educação física. Pois, a descoberta da população, suscetível de ser controlada, assegura um gerenciamento mais eficiente da força de trabalho precisa ser administrada, controlada, ou melhor, gerenciada com finalidades específicas. Admitimos, com auxílio das análises foucaultianas, que tais finalidades seguem agora, com advento do liberalismo, a lógica do mercado. Algumas modificações e mutações ocorreram com essa nova gestão empresarial, no tocante às formas de governo (disciplina e autocontrole individual - gestão populacional). Enquanto a concepção anátomo-política se dá, essencialmente, através dos mecanismos e estratégias disciplinares dos corpos dos indivíduos, a biopolítica representa uma “grande medicina social” que se aplica à população, a fim de governar a vida como um todo. A biopolítica, deste modo, apresenta-se como um conjunto de biopoderes que incorpora a própria vida como um poder (no trabalho, na linguagem, nos afetos, na sexualidade etc.), ou como, no caso da escola, um lugar da produção de subjetividades e assujeitamentos. Tais processos mascaram as relações de poder e, muitas vezes, são defendidas pelos próprios membros da sociedade (professores) que voluntariamente investem na defesa desses padrões de submissão e imposição de subjetividades. Os exemplos utilizados, nesse texto, foram extraídos (com auxílio de SOARES, 2009) do que denominamos “processos totalitários do corpo e suas manifestações da gestão e controle da vida”.

O desafio constante é buscar traçar possibilidades de atitudes não-fascistas, ou formas de anulação de atitudes fascistas, compreendendo, desde as mais sutis, até as mais invasivas, que nos mantém cativos e submissos aos ditames do controle, invalidando os modos mais criativos do pensamento e de vida no interior da escola. Na escola, todo procedimento que atente contra a liberdade de ser e agir, e se posicione a favor dos ditames da sociedade empresarial de consumo devem ser questionados. Com isso, não estaremos apenas combatendo a “lógica de mercado”, mas defendendo uma vida não-fascista, pois, nas escolas públicas, com sua maioria pertencente às classes mais populares, o que deve ser afirmado é a vida e não o consumo desenfreado que deixa todos com uma sensação de impotência, pois não há como acompanhar seu ritmo alucinante. Assim como devem ser combatidas as formas que representam a reprodução inconsciente das estruturas conservadoras, que se encontram ancoradas em procedimentos mecanizados do ensino (cobranças avaliativas injustas e coercitivas, que confirmam a aquisição de conteúdos repetitivos e acumulativos, em que formas de expressão criativa nunca são consideradas como critérios). Porém, todo esse esforço, sem dúvida, estará sempre dependente da vontade dos próprios professores em desencadear tal processo a favor das formas libertárias de ser e agir, em defesa de uma vida não-fascista, acreditando que o que se afirma na vida é a diferença. Nesse sentido, podemos lembrar as palavras de Deleuze (1988) - viver é criar, e repetir o mesmo não é criar. Criar é construir novas formas singulares de pensar, novas subjetividades, porém, se a escola não estiver comprometida com tal pensamento, não poderá contribuir com nada de significativo na vida de seus alunos.



REFERÊNCIAS:

CASTELO BRANCO, G & PORTOCARRERO, V. (org.). *Retratos de Foucault*. Rio de Janeiro: Nau, 2000.

_____. *Foucault em três tempos*. In: Revista Mente e cérebro: Foucault e Deleuze, n.6. São Paulo: Duetto, 2007.

DELEUZE, G. GUATARI, F. *Anti-edipo: capitalismo and schizophrenia*. New York: Viking Press, 1997.

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. São Paulo: Graal, 1988.

DUARTE A. *Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo*. In: VEIGA-NETO & RAGO(org.). Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

_____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. *História da sexualidade v. I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

_____. *Ditos e escritos, v. III*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. *Palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

RABINOW, P & DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

REVEL, J. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

SOARES, C. *Escultura da carne: o bem-estar e as pedagogias totalitárias do corpo*. In: VEIGA-NETO & RAGO (org.). Para uma vida não-fascista. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VEIGA-NETO & RAGO (org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Dr. Marcos Antonio Carneiro Da Silva, Professor da UFRJ, Faculdade de Educação, Coordenador do curso de pós-graduação em Educação Física Escolar



Deborah Dos Santos Caetano, Licencianda em Educação Física UFRJ, Bolsista BPIC-UFRJ

Ana Lorena Feitosa Dos Santos, Licencianda em Educação Física UFRJ

Andre Costa e Silva, Professor de Educação Física do INES

GTT: Epistemologia

Endereço do autor: Av. Pasteur, 250, Urca, UFRJ (Faculdade de Educação),
Cep; 22290-450.

Recursos audio-visuais: Data-show.